

Universidade de Brasília
Universidade Aberta do Brasil
Instituto de Artes
Curso de Licenciatura em Artes Visuais

ADEMIR LOPES GABRIEL

**XILOGRAVURA COMO EXPRESSÃO DA
CULTURA POPULAR**

POSSE - GOIÁS

2012

ADEMIR LOPES GABRIEL

XILOGRAVURA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do convênio Universidade Aberta do Brasil (UAB)/Instituto de Artes (IdA)/Universidade de Brasília (UnB), como exigência parcial para a obtenção do título de LICENCIADO EM ARTES VISUAIS.

Orientadora: Prof^a Msc.Vera Marisa Pugliese de Castro

Tutora Orientadora: Prof^a Patrícia Souza Maragno.

POSSE GOIÁS

2012

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO	5
2. XILOGRAVURA BRASILEIRA	10
2.1. O princípio da xilogravura no Brasil	10
2.2. A xilogravura no período colonial brasileiro	10
2.3. Xilogravura: alguns gravadores brasileiros	12
3. XILOGRAVURA: A EXPRESSÃO QUE VEM DA MADEIRA.....	13
3.1 Leitura de imagem na arte da xilogravura.....	15
4. LITERATURA DE CORDEL	16
4.1 A Literatura de Cordel como meio de divulgação da cultura popular	16
4.2 A literatura de Cordel no Brasil	17
5. XILOGRAVURA NA ESCOLA: MINICURSO COM OS ALUNOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
LISTA DE FIGURAS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	28
Anexo 1 - Projeto: Minicurso de xilogravura	28
Anexo 2 - Plano de aula	29
Anexo 3 - Imagens do Minicurso	34
Anexo 4 - Xilogravuras produzidas pelos alunos (07 imagens)	36
Anexo 5 - Apostila do Minicurso	38

RESUMO

Este trabalho acadêmico se propõe à realização de uma análise sobre a xilogravura e a literatura de cordel na sala de aula, por meio de aplicação de oficina com os alunos da escola Centro de Ensino Fundamental nº 04 do Guará, DF para promover o resgate desse gênero artístico com os jovens, dentro do currículo escolar. A xilogravura por meio do gênero cordel é uma expressão da cultura popular há muitos anos no Brasil, e como manifestação da arte, particularmente nordestina do Brasil oferece ao aluno a oportunidade entrar em contato com esta arte. A xilogravura traz em si em toda sua grandeza, exuberância expressiva, quanto ao diálogo das linguagens verbal e visual às várias abordagens temáticas presentes e possíveis nos componentes curriculares dos ensinos fundamental e médio. Deste modo, respeitar e valorizar as várias culturas sem preconceitos ou discriminação, a partir da valorização dos significados das experiências da comunidade, o imaginário popular tão presente na cultura nordestina brasileira.

Palavra-chave: xilogravura, linguagem visual, cultura popular

INTRODUÇÃO

Não tenho a intenção, mesmo porque sei das minhas limitações quanto a querer definir o real significado de uma imagem. Quando olhamos de um jeito mais crítico, ou, quando simplesmente deixamos o olhar nos conduzir para as capas dos cordéis, temos a nítida impressão que há um mistério, um sentimento de poética uma atmosfera envolvente de pura magia, ou seja, é algo muito maior que simplesmente a visão entintada da imagem na superfície da matriz.

Refiro-me às xilogravuras, não só as nordestinas de cordel, mas a toda xilogravura popular, que é o termo mais apropriado para as gravuras feitas na madeira e, que nos causam as mais estranhas emoções, porque essas sensações são familiares e muito presentes na vida dos nordestinos, principalmente. Esse imaginário, de demônios, santos, beatos e cangaceiros, princesas e vaqueiros e mandacarus. Todas essas crendices e piadas (anedotas) envolvendo as agruras e bênçãos conseguidas nessa vida de penúria, tão presente no sertão nordestino brasileiro.

Faz-se necessária a valorização da xilogravura popular na formação imaginária do sertão nordestino brasileiro, propondo um conceito de que o agreste tem suas demonstrações na construção das imagens do sertanejo intensificada pelas gravuras das capas nos cordéis. E ainda que a leitura de imagens e a cultura visual procurem meios para sua aplicação na prática educativa em sala de aula, visando assim contribuir para uma reflexão da xilogravura como arte popular.

Esta pesquisa pretende a partir de uma experiência em oficina na escola Centro de Ensino Fundamental nº 04 do Guará, DF, refletir sobre o uso da xilogravura popular em sala de aula, como essa técnica pode promover o resgate desse gênero artístico para com os jovens, dentro do currículo escolar.

Nos últimos anos, vários pesquisadores têm se mobilizando para propor projetos que utilizem esse objeto de estudo como um resgate da cultura popular.

1. BREVE HISTÓRICO DA XILOGRAVURA: ÁSIA E EUROPA

Antônio F. Costela diz em seu livro *Uma Breve História ilustrada da Xilogravura*, que os chineses já faziam xilogravuras há mais de mil e quinhentos anos e, que primeiramente usavam a xilogravura para confeccionarem cartas de baralho, orações budistas e até imprimir dinheiro. No Japão a xilogravura era utilizada para “estampar talismãs, no ano de 770” (COSTELLA, 2003).

A historiografia da história da arte diz que o surgimento na Europa data do século XV e sua utilização para ilustrar cartas de baralho e imagens sacras e livros tabulares. Na Europa, mais ou menos no século VI a xilogravura tinha apenas a utilidade funcional, de impressão em tecidos. A arte xilográfica impressa em papel iniciou-se por volta do século XIV e XV e começaram a ser produzidas em grande quantidade: xilogravuras de santos, baralhos, persistindo em solo europeu até mais ou menos o século XIX, quando os franceses tiveram contato com as gravuras japonesas.

Na Borgonha, próximo a Dijon, França, foi encontrado um fragmento de uma matriz xilográfica que é considerada mais antiga da Europa. Sua data, segundo se presume, situa-se entre 1370 e 1380. Retrata, sem dúvidas, a crucificação de Cristo, embora na parte encontrada, seja visto, na madeira apenas o entalhe de um braço da cruz, três soldados trajados à moda medieval e um texto em latim. A legenda latina não deixa dúvidas a respeito da cena. Traduzida, informa: “este era o verdadeiro filho de Deus”. (COSTELLA, 2003 p.12)

Há indícios de que já existia carta de baralho na Alemanha em 1377, na Bélgica em 1279, Espanha em 1331, Itália em 1279 e na França em 1382. Estas cartas de baralho, não eram impressas, mas pintadas manualmente o que as tornava muito caras. Depois que os baralhos passaram a ser gravados pelo processo da xilografia, foi possível fazer várias cópias em série de uma matriz, como consequência seu custo barateou.

Como anteriormente já ocorrera na China, a Europa também utilizou a técnica da xilogravura para imprimir os seus primeiros livros. Em decorrência, surge a ideia de agrupar várias folhas de gravuras religiosas que, relacionadas de uma forma coerente formavam um códice, do latim *codex*, ou seja, caderno.

Vários desses livros eram produzidos exclusivamente em xilogravura. Sobre as matrizes, entalhavam-se, não só as imagens, mas, também as letras que compunham textos e legendas. Foram publicadas diversas obras dessa maneira, algumas alcançando várias edições. Segundo Costella, o ‘*Ars Moriendi*’¹ (“Arte de morrer”), “teve doze edições, com variações de texto nas línguas latina, francesa e alemã. Os livros são compostos de gravuras e treze páginas de textos, com a imagem de um moribundo em seu leito, tentado por demônios e socorridos por figuras piedosas”.

Esses livros produzidos por xilogravuras conseguiram reduzir o preço do livro. As várias cópias dos exemplares, feitas por meio de sucessivas reimpressões com o uso das mesmas matrizes, reduziu o custo de cada exemplar, como antes ocorrera com as cartas de baralho. Desse modo, os livros modestamente produzidos por xilogravuras tornou possível o acesso da leitura ao povo, visto que nessa época os livros eram manuscritos, e por isso eram extremamente caros.

O uso da imagem, juntamente com os textos escritos, possibilitou o aproveitamento do livro feito em xilografia pelos não alfabetizados, que graças às gravuras tiveram a oportunidade de compreender facilmente a narrativa, mesmo sem o conhecimento das letras. O valor dos livros xilográficos fica bem evidenciado através da ‘*Bíblia pauperum*’ (Bíblia dos pobres), na Europa, essa obra teve várias edições em xilogravura no século XV. ¹

Em suas páginas veem-se no quadro central, uma passagem da história de Jesus e, no entorno, cenas inspiradas pelo Velho Testamento, de tal modo que os ensinamentos religiosos respectivos podem ser acompanhados, graças às imagens, até por um analfabeto. (COSTELLA, 2003 p.18)

A xilogravura europeia foi se desenvolvendo através das ilustrações nos livros até alcançar um alto aprimoramento artístico. Além de ilustrar os livros, a xilografia também continuou a ser impressa como obra independente. As xilogravuras como uma criação independente, ou como ilustração de livros,

¹ **Ars Moriendi** - Nome de dois textos latinos relacionados entre si que significam Arte de morrer e datam de aproximadamente 1415 a.C. Estes textos trazem aconselhamentos e procedimentos para se ter uma ‘boa morte’, de acordo com preceitos cristãos.

foram impressas em matrizes entalhadas ao fio, isto é, em madeira cortada, de alto a baixo, ou seja, em tábuas. Pelo fato de a matriz ser talhada com detalhes pelo o xilógrafo limitava-se a reproduzir na madeira as linhas do desenho fornecido por um artista.

Mas a xilogravura, esteticamente, poderia render muito mais em termos de expressão, já que os traços do desenho em carvão ou grafite não atingem a força dos contrastes peculiares permitidos pela impressão da xilogravura. Albrecht Dürer (1471-1528), alemão, pode ser considerado o maior xilogravador que já existiu, contribuindo para revelar o potencial da xilografia atribuindo-lhe resolução plástica tão criativa que acabou criando uma nova linguagem, muito mais rica do que a das habituais estampas que tinham somente a função de ilustrar. Suas obras abriram novos horizontes para a xilogravura e, um dos exemplos mais marcante foi sua obra: 'Os Quatro cavaleiros do Apocalipse', de 1498. Albrecht Dürer, como qualquer pintor de sua época, não entalhava os blocos. Desenhava diretamente sobre a madeira, ou em papel para cópia, passando a tarefa do entalhe a artesãos, mas ele soube compreender as potencialidades da madeira e conduzir seu traço na direção desse objetivo.

2. XILOGRAVURA BRASILEIRA

2.1. O princípio da xilogravura no Brasil

Mesmo que não seja possível a comprovação documental de datas ou locais, não há como negar que os índios tenham sido os primeiros xilógrafos no território brasileiro.

Segundo antigos relatos de viajantes, foi possível constatar em várias tribos o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, desenhos ritualísticos na pele do corpo humano e, mais raramente, para estampar peças de indumentária. Mais de duzentas tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se dessa técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. (COSTELLA, 2003 p.50)

Algumas matrizes que os indígenas usavam não passavam de 'carimbos naturais', como, por exemplo, o fruto do babaçu, apenas cortado ao meio, ou taquara, usada de topo² para imprimir uma circunferência. Outras, porém, são matrizes bem gravadas, bem entalhadas na madeira ou em talos de vegetais.

2.2. A xilogravura no período colonial brasileiro

No Brasil antes da chegada da corte portuguesa, era proibida a instalação de oficinas tipográficas, consequentemente as atividades de xilografias também. Quando a Família Real portuguesa mudou-se para o Brasil, em 1808, foi oficializada a instalação em território nacional da Impressão Régia, a tipografia oficial, e do Colégio das Fábricas que reunia a estamperia de chitas e a Fábrica das Cartas de Jogar, em 1811.

Em meados do século XIX, a xilogravura especialmente a de topo, passou a ser a mais usada no Brasil, sempre para fins de ilustração direta, tanto de livros e periódicos, como em especial de anúncios e outros impressos. Todos os xilógrafos no Brasil na primeira metade do século XIX eram estrangeiros.

Só em 1860, com a criação do “Instituto Artístico”, dos irmãos Fleiuss e de Carl Linde, abriu-se um curso de xilografia no Rio de Janeiro, no qual se adestraram os primeiros xilógrafos aqui nascidos. Como fruto da sementeira, em 1864, os Fleiuss anunciaram estar no prelo um “*Almanak*, profusamente ilustrado com gravuras abertas em madeiras nacionais, por móveis artistas também nacionais”. (COSTELLA, 2003 p.56)

Assim como ocorreu na Europa, a xilografia que também no Brasil teve seus momentos ruins passou o século XIX gravando ilustrações para periódicos e livros e foi perdendo terreno lentamente para os clichês de zinco até ser suplantada, por causa das vantagens de preço e rapidez.

Apesar da reclamação dos xilógrafos que viram aos poucos seu ‘ganha-pão’ desaparecer. Mesmo assim, continuaram a sobreviver até as primeiras décadas do século XX. Antes do século XIX, as xilogravuras eram entalhadas somente a fio², e após os gravadores passaram a utilizar a técnica da xilografia em topo³, quando a madeira era cortada transversalmente ao troco da árvore. O xilógrafo utiliza o buril (instrumento com ponta em metal) para cavar a madeira dura. Permitindo uma riqueza de detalhes, a nova técnica passou a ilustrar jornais e revistas em todo mundo.

Apareceram máquinas especialmente criadas para algumas funções, como as de entalhar fundos, por exemplo. Costella, diz que “Embora talvez não tenha sido o primeiro a praticar a xilografia de topo, o inglês Thomas Bewick (1753-1828), aperfeiçoando-a, tornou-se o seu grande divulgador”. (Costella, 2003.p.38). Oswaldo da Silva foi um dos últimos funcionários da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro. Publicou em 1941 um livro que se tornou um marco “Gravuras e gravadores em madeira”, por ser um arquivo precioso de

² **Xilogravura de fio** - A matriz é cortada no sentido longitudinal em relação ao tronco.

³ **Xilogravura de topo ou de contra fibra** - As matrizes são cortadas transversalmente em relação ao tronco.

informações técnicas e históricas a respeito da gravura de topo e de seus artistas.

2.3. Xilogravura: alguns gravadores brasileiros

Tanto no Brasil quanto na Europa, a saturação da xilogravura ilustrativa permitiu o nascimento de uma xilogravura, sem amarras, sem estar atrelada a preconceitos estabelecidos. Vários artistas se conscientizaram que eles deveriam traçar o rumo de sua arte, então eles mesmos passaram a executar tanto o trabalho de criação quanto o ofício de entalhe e impressão.

A partir de então tomaram a xilogravura como forma de expressão artística liberta, das encomendas, ou seja, dos trabalhos que eram encomendados cheios de restrições, de imposições, por parte dos clientes. Como exemplo o pintor Lasar Segall (1891 -1957), que produziu uma notável coleção de xilogravuras, de estilo expressionista, produzidas ao longo de mais de trinta anos, cuja obra marcante é a série “Mangue”.

Outro pioneiro da xilogravura artística brasileira, o mestre Oswaldo Goeldi (1895-1961). Nasceu no Rio De Janeiro, estudou na Europa, onde foi influenciado pela obra de Munch, voltou ao Brasil a tempo de suas obras participarem da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo. Entusiasmado com a xilogravura, produziu intensamente ao longo da vida, gravando dezenas. Lecionou na Escola Nacional de Belas Artes, influenciando a nova geração de gravadores brasileiros.

Entre esses novos gravadores, sobressai Lívio Abramo, que na década de 30 do século XX, dedicou-se a temas sociais, ressaltando em linguagem expressionista o ambiente operário. Com o tempo suas obras suas adquiriram características da abstração. Muitos outros gravadores continuam o entalhe na madeira, enriquecendo e garantido vida longa a xilogravura brasileira.

3. XILOGRAVURA: A EXPRESSÃO QUE VEM DA MADEIRA

O conceito de xilogravura surge apenas no século XX, sendo definido como a arte de se fazer gravuras em madeira ou a impressão obtida por meio desta técnica. Esta técnica segundo Herskovits (1986) surgiu na China, pois era utilizada para impressão. Essa afirmação de Herskovits é contestada por Costella (2003), pois afirma que existem historiadores que se referem ao uso da xilogravura, no mesmo período dos chineses, no Japão, na Índia, na Pérsia e na América Pré-colombiana.

As xilogravuras são feitas pela impressão (sobre o papel ou outro suporte) de uma matriz em madeira. Por sua vez sua aparente simplicidade, a xilografia é a mais espontânea das técnicas gráficas. Da simplicidade, porém, ela permite nascer uma formidável riqueza em arte, dotada de encantos sem fim. (COSTELLA, 2003.p.s/n)

A xilogravura tecnicamente é uma das práticas mais antiga que se conhece para gravação de imagens, ou seja, produzir gravuras é de extrema simplicidade, talvez isso explique sua utilização até os dias de hoje, pelo fato de não haver necessidade de qualquer interferência tecnológica na sua produção. É uma arte criada por mãos cheias de calos, feito às vezes pela enxada, pela foice e o facão, de trabalhadores, artesãos e artistas autodidatas, o que não impede que a criação artística brote de forma brilhante nos sertanejos, muito pelo contrário, é a mais genuína expressão da arte.

Os xilógrafos têm desafios e cuidados para escolherem um bom taco de madeira, que seja propício para a gravação das suas matrizes, que deve ser seca para evitar que empene. Neste sentido qualquer madeira serve para realizar a xilogravura desde que seja devidamente preparada.

A confecção da matriz começa com a seleção da espessura da prancha que deve ter mais ou menos dois centímetros de altura. Os procedimentos de confecção da matriz passam pelo lixamento e polimento para que ela adquira uma superfície lisa, tornando-se assim própria para a execução do entalhe. Após o entalhe lixa-se novamente a matriz e, começa o entintamento. Nesta etapa a tinta gráfica é espalhada sobre a matriz sobrepondo um pedaço de

papel sobre ela; com uma colher de madeira, um baren,⁴ ou uma prensa e a criação surgirá como que por encanto.

⁴ **Baren**- Ferramenta utilizada para pressionar o papel contra a matriz xilográfica

3.1 Leitura de imagem na arte da xilogravura

É cada vez maior o número de imagens que nos deparamos a todo instante nos meios de comunicação e ao nosso redor, os mais variados fins, imagens de entretenimento, de consumo e, até mesmo as institucionais. Essas imagens acabam tornando-se reais para adultos e crianças na elaboração de seus imaginários e construções de seus sentimentos. Por isso a importância de trabalhar com os alunos cada vez mais aproximação entre imagens-cultura visual-cultura-identidade para poder entender, como a visualidade interfere e importa em suas vidas

Não há como deixar de conhecer a importância da Cultura Visual para a construção de conhecimentos, pois no que diz respeito à imagem, a visualidade está presente no cotidiano. Constantemente, somos incentivados através da estimulação visual, pois está presente no cotidiano dos alunos, através dos meios tecnológicos, como: televisão, computadores, *internet*, celulares, jogos eletrônicos e outras mídias, que propiciam a circulação das imagens, como possibilidades de informação.

A pesquisa tem como tema, xilogravura como expressão da cultura popular, usando e fazendo imagens do cotidiano popular do cotidiano de linguagens e suportes alternativos no âmbito da cultura visual. A sua importância no espaço da Arte está na tentativa de reforçar a discussão sobre a cultura visual e suas possibilidades como um campo amplo de reflexão na escola.

4. LITERATURA DE CORDEL

Para falar de Literatura de Cordel, é imprescindível a associação com a xilogravura popular que, no Nordeste brasileiro encontrou um campo fértil para seu desenvolvimento, mais precisamente no sertão nordestino onde nas feiras livres floresciam os mais variados temas. As histórias, produzidas a partir da imaginação do povo e cantada pelos repentistas⁵, cordelistas⁶ e cantadores⁷ em forma de poemas, muito comumente solicitados pelos ouvintes durante as apresentações.

A literatura de cordel é originária da Europa e, vem gradativamente consolidando-se como uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira. Atualmente o cordel está presente por quase todo território brasileiro, mas, é no nordeste do Brasil onde reside seu berço cultural, é lá que sua força está impregnada de identidade cultural sertaneja.

A literatura de cordel é oriunda dos romancieiros franceses e da Península Ibérica, na Espanha era chamada de *pliegos sueltos*, tradução livre folhas soltas, Portugal folhas volantes e na França *littérature* de colportage, eram folhetos volantes, os vendedores vendiam em qualquer lugar.

4.1 A Literatura de Cordel como meio de divulgação da cultura popular

A literatura de cordel, quando surgiu na Europa, divulgava histórias dos feitos heroicos, narrava acontecimentos ocorridos em outros tempos, que a memória popular transmitia oralmente. Eram narrativas romanceadas da cavalaria, eram narrativas de eternos amores, guerras, epopeias ou vitórias conquistadas nos mares. Depois surgiu o mesmo tipo de poesia na descrição

⁵ **Repentistas** - Pessoas que recitam versos de improviso.

⁶ **Cordelistas** - Pessoas que fazem literatura de cordel a partir da criação de versos e rimas.

⁷ **Cantadores** – Pessoas que recitam versos de sua autoria, no improviso, em forma de canto. Caracteriza-se especialmente pela prática do desafio, um duelo de improvisações entre dois cantadores, muito comum na cultura popular do Nordeste brasileiro.

de fatos recentes e de acontecimentos sociais contemporâneos que despertavam curiosidade do povo.

4.2 A literatura de Cordel no Brasil

A literatura de cordel aportou em terras brasileiras a bordo dos navios portugueses na metade do século XIX. Segundo os historiadores o nome literatura de cordel é devido ao fato de em Portugal eles serem vendidos pendurados nos barbantes ou cordões, presume-se que seja por isso que é chamado de literatura de cordel.

Mais ou menos nos idos de 1920, a literatura de cordel firma-se: são definidas as características gráficas, os processos de composição, edição e comercialização e é constituído um público para esse gênero de literatura. A nossa literatura de cordel em nada lembra o cordel de Portugal, nem o da França. Muitos autores que sobreviviam, na penúria, da composição e venda de seus versos; tanto os autores quanto o público eram da classe pobre. Os folhetos de cordel tinham estreitos vínculos com a tradição oral, uma grande parte abordava como temática o cotidiano do agreste; os poetas cordelistas eram donos de suas obras, podiam vendê-las a editores, que também eram poetas cordelistas.

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...]

Franklin, Jeová (apud ACOPIARA, 2005, p.14)

É na Literatura de Cordel em que a Xilogravura Popular se expressa com toda sua força criativa e o ideário mágico do agreste. A abordagem da relação entre xilogravador e o poeta de cordel se imbicam, uma vez que há integração entre seus temas, pois há um diálogo de linguagens com a mesma afinidade de representação expressiva, do fantástico e do imaginário popular.

Há uma busca, onde se procura analisar a literatura de cordel sob o prisma do artista popular brasileiro, em especialmente o nordestino, tentando identificar características que enfatizem uma forma tipicamente brasileira de se produzir cultura, sem as amarras de normatizações técnicas formais, conferindo assim a cultura popular brasileira uma identidade própria e passível de análises da arte verbal para a arte da gravura popular em sua estrutura ou vice-versa.

Quando falamos de literatura de cordel estamos falando de cultura popular. Os acontecimentos ditos em versos relatam os ‘causos’ acontecidos, como os fatos políticos, religiosos, artísticos, as lendas, o folclórico ou pitoresco e, parafraseando Nelson Rodrigues, dramaturgo brasileiro, “A vida como ela é”.

A facilidade de produção de um cordel é extremamente simples como são as coisas do povo; não precisa de tanto apuro no estilo ou regras; ela abarca todas as classes sociais. A intenção ao sugerir esse tema aos em sala de aula, é oferecer várias possibilidades de recursos que os auxiliarão e suprirão as necessidades de aprendizagem, como por exemplo: a produção de texto, ler, escrever, a linguagem das gravuras (xilogravura).

Os temas retratados pelos poetas do cordel são os mais variados possíveis, desde a benzedeira, que desfaz mal olhado, quebranto, espinhela caída, as assombrações dos caiporas, mulas sem cabeça, das almas penadas que nos assombram quando somos crianças. Os poetas cordelistas narram, desde estórias de amor, as aventuras de cangaceiros e acontecimentos importantes, na tentativa de melhor vender sua mercadoria, costuma o vendedor ler em voz alta o conteúdo do livro para depois oferecê-lo aos prováveis compradores, os temas apresentados nesses livros aparecem em prosa ou em versos, sendo bastante comum esta forma.

O cordel é produzido de forma artesanal, sua produção gráfica é bem simples, para ser vendido por um preço barato, visto que se destinam as camadas mais desfavorecidas economicamente da população.

5. XILOGRAVURA NA ESCOLA: MINICURSO COM OS ALUNOS

A xilogravura como expressão da cultura popular por meio de imagens do cotidiano é importante referencial da cultura visual, pois suas possibilidades são um campo de reflexão na escola e conseqüentemente, nas aulas de arte. Desta forma, o projeto Minicurso de xilogravura desenvolveu com os alunos, do Centro de Ensino fundamental 04, Guará - DF, várias dimensões dos conceitos de gravuras por meio da técnica artística xilogravura. Não basta entender o significado das imagens que nos são apresentadas por todos os lados mas dialogar criticamente com elas.

O desenvolvimento do Minicurso de xilogravura no Centro de Ensino Fundamental 04 propiciou a oportunidade aos alunos de conhecer as técnicas que envolvem a arte. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em qualidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente. (2001, p.61)

HERNÁNDEZ (2000) destaca a importância da cultura visual como mediadora do nosso olhar sobre o mundo e assim usar as experiências como meios artísticos. O autor ainda afirma que vivemos em um mundo visualmente complexo, portanto devemos usar todas as formas de comunicação possíveis, mediando aos alunos a linguagem das imagens.

Aprender a linguagem das imagens é tão importante quanto a linguagem escrita e o aluno precisa perceber essas representações visuais, cabendo à escola propor esse aprendizado sobre os estudos da cultura visual.

A aprendizagem significativa é o objetivo do projeto por criar uma motivação entre os alunos possibilitando a oportunidade de trabalharem com autonomia. Os professores e alunos são parceiros no ensino-aprendizagem,

pois relacionam os conteúdos e objetivos às situações de aprendizagens para o grupo. Os projetos também são propícios à abordagem as formas artísticas que não foram eleitas no currículo daquele ciclo, mas cabe a escola e aos professores darem a oportunidade de liberdade e autonomia cognitiva aos alunos.

Nesta experiência houve uma boa recepção do professor regente, direção, supervisora pedagógica e também dos alunos, já conhecidos de outra oportunidade, quando realizava o Estágio Supervisionado 2. Neste estágio pude observar o comportamento dos alunos e de como realizam as interações entre eles e o professor. Poucos deles interagiam nas aulas, mas entre eles a interação se dava muito bem, com conversas e brincadeiras, tornando as aulas pouco produtivas.

A apresentação do minicurso foi programada para a realização em seis horas/aula que aconteceram conforme o planejamento previsto. Nas primeiras aulas me apresentei como aluno do curso de Artes Visuais da UAB/UnB e disse que estava em fase de conclusão.

A aula se inicia com a entrega da apostila sobre as técnicas de gravura e a leitura do seu teor aos oito alunos⁸ participante do curso, (um faltou, seriam nove). O ritmo da aula foi lento devido a conversas e brincadeiras dos alunos.

Na terceira e quarta aulas foi realizada a apresentação de duas imagens de J. Borges – “Lampião e Maria Bonita” e “Forró dos Bichos” - e duas do futuro Professor Ademir, “Via crucis”. A leitura das imagens privilegiou os seguintes aspectos: o material usado, o tipo de suporte, a matriz, o tamanho, como foi feita e por fim, a sensação ao observá-la.

Ainda nestas aulas solicitei que trouxessem bandejas de isopor⁹. que serviriam de matriz, mas não trouxeram. Então, com o objetivo de buscar nos alunos a expressão de seus sentimentos solicitei que fizessem gravuras, usando o isopor como matriz. O resultado não foi satisfatório. Mesmo após os

⁸ A turma em questão é de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno.

⁹ **Bandejas de isopor** - A substituição da utilização da madeira pelo isopor deveu-se ao fato de seria necessária a utilização de ferramenta cortante e pontiaguda como estilete, para fazer os entalhes na madeira. Isso poderia ocasionar algum ferimento nos alunos ocasionar transtorno à Direção escolar e ao professor, daí a opção pelo isopor

alunos terem ouvido as explicações, não conseguiam fazer os sulcos profundos no isopor, para que a impressão ficasse boa, eles no início, passaram muita tinta na matriz tornando o papel da impressão muito molhado dificultando o manuseio. Apresentei a técnica várias vezes para que repetissem em suas gravuras. Quando finalmente estavam aprendendo e gostando da atividade, a aula acaba. Dispus as gravuras na parede externa para secar, depois guardei as obras para a exposição na escola.

Particularmente, não gostei do resultado estético, mas depois que os vi todo orgulhosos de terem ‘feito aquilo’, minha frustração tornou-se um pouco menor. Os trabalhos dos alunos foram expostos no corredor da entrada para as salas de aula, juntamente com as minhas xilogravuras. O interessante é que três alunos faltosos quando viram os trabalhos dos colegas expostos, manifestaram o desejo de também participarem. Claro que eles fizeram e gostaram muito. Os trabalhos produzidos seriam expostos para a comunidade escolar na Semana da Cultura, atividade já inserida no calendário da escola.

De maneira geral alunos demonstram muita dificuldade de entendimento das atividades, desde o fato de a leitura da imagem ter que ser produzida ao contrário até a explicação oral precedida à apresentação das imagens.

As duas últimas aulas foram destinadas à confecção de uma matriz de xilogravura, mas neste dia somente compareceram quatro alunos dos oito frequentes na aula anterior, fato este que muito me decepcionou. Nestas aulas demos início à produção das matrizes em isopor, mas o resultado não foi satisfatório, pois os alunos utilizaram muita tinta, que ocasionou o enrugamento do papel.

A finalidade da arte/educação para a compreensão da cultura visual é a de que os alunos possam interpretar o meio ao qual se relacionam e passem a entendê-lo, a partir da criticidade e da reflexão.

Finalizando a realização deste projeto na escola do Guará – DF, ressalto as variadas dimensões e possibilidades que as imagens à nossa volta podem trazer para os alunos e que os professores podem se valer delas

compreendendo que podem ser estímulos para a criação e grandes aliadas para a compreensão da sociedade.

A xilogravura e o cordel estão inseridos na cultura visual do Nordeste e poderão engrandecer a memória a memória cultural do sertão. A xilogravura é uma arte popular e pode contribuir de maneira significativa para conhecimento desta cultura, muitas vezes deixada de lado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo que a finalidade da arte/educação para a compreensão da cultura visual é a de que os alunos passem a interpretar o meio ao qual se relacionam e passem a entendê-lo, podendo ser críticos e reflexivos. Finalizo o projeto compreendendo que o mundo atual está repleto de imagens e cabe aos professores fazerem delas nossas aliadas na compreensão da sociedade.

A xilogravura e o cordel estão inseridos na cultura visual do Nordeste e poderão engrandecer a memória a memória cultural do sertão. A xilogravura é uma arte popular e pode contribuir de maneira significativa para o conhecimento da cultura popular.

Esta pesquisa, não tem a pretensão de encerrar este vasto campo de estudo da xilogravura e a cultura popular. A intenção é a de promover uma reflexão de como as xilogravuras podem ser eterna fonte de inspiração nos mais diversos campos da arte e, principalmente, das práticas escolares pela condição que possuem de retratar a representatividade popular.

A xilogravura popular está enraizada no agreste brasileiro através dos folhetos e cantorias decantadas nas histórias do povo. Desde a questão étnica, que é tão importante desde o início da colonização brasileira; os obstáculos à obtenção do conhecimento pelas camadas menos favorecidas; o conhecimento permitido somente aos senhores de engenho, aos coronéis, aos políticos e suas famílias; de haver no nordeste brasileiro, a 'sina' marcada pela seca, um universo predominantemente ruralista, onde a forma e a maneira de produzir estavam irremediavelmente ligados pela cultura de subsistência humana, ou seja, a exploração do homem pelo homem; o poder da fé fortemente enraizado nesse espaço artístico, onde as situações aflitivas eram mediadas por beatos enviados por Deus para salvar o mundo; as oligarquias mandando e desmandando no povo tolhendo qualquer tipo mudanças; as 'diabruras' do cangaço; da cultura da esmola e especialmente da indústria da seca.

Desta maneira, a xilogravura popular não é só um instrumento de apoio e de grito para a cultura popular brasileira, mas é vista como o refúgio, o

aporte, o complemento para uma vida sofrida de mãos cheias de calos feitos pela enxada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Projeto Cultura na escola. Alunos com seus trabalhos de xilogravura.....	34
Figura 2 - Alunos participando do Minicurso	34
Figura 3 – Aluna mostrando a apostila produzida pelo Ademir	34
Figura 4 – Preparação dos materiais para a confecção das xilogravuras	34
Figura 5 – Alunos fazendo impressão em várias cores.....	35
Figura 6 - Trabalho de alunos	36
Figura 7 - Trabalho de aluno	36
Figura 8 - Trabalho de aluno	36
Figura 9 - Trabalho de aluno	36
Figura 10 – Trabalho de aluno.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 11 – Trabalho de aluno.....	37
Figura 12 – Trabalho de aluno.....	37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil Escola <http://www.brasilecola.com/sociologia/cultura-1.htm>, acessado em_20/09/2012.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo, Tese de Doutorado U.S.P. 1998.

COSTELLA, Antônio F. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Editora Mantiqueira, 2009. Campos do Jordão, SP.

_____. **Xilogravuras: manual prático**. Editora Mantiqueira, 2003, Campos do Jordão SP.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual: mudança educativa e projeto de trabalho**. Fernando Hernández; tradução Jussara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERSKOVITS, Anico. **Xilogravuras: arte e técnica**. Porto Alegre. Editora Tchê, 1986.

Literatura de cordel e sala de aula
<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=LITERATURA+DE+CORDEL+E M+SALA+DE+AULA%3A+RESGATE+DA+CULTURA+OU+INSTRUMENTO+PARADID%C3%81TICO>, acessado em 03/11/2012.

VALE, Marcos do, FAJARDO, Elias, SUSSEKIND, Felipe. **Oficinas gravura**. SP, Editora SENAC, 1999.

PENTEADO. José Octavio. **A arte de J.Borges: do cordel a xilogravura**. Centro Cultural Banco do Brasil. Brasília, 2004.

Por que arte educação? <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=F9jTIVBsNWQC&oi=fnd&pg=PA51&dq=a+arte+educa%C3%A7%C3%A3o+e+o+professor&ots=IPhGvb8YWC&sig=Ci5iJdG0UW0nIERcltpoheNgHUI#v=onepage&q=a%20arte%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20professor&f=false>, acessado em 3/11/2012.

QUEIROZ, Jeová Franklin. **A xilogravura nordestina**. Recife PE, Editora Coqueiro, 2002.

Suapesquisa.com http://www.suapesquisa.com/o_que_e/cultura_popular.htm acessado em_01/09/2012.

ANEXOS

Anexo 1 - Projeto: Minicurso de xilogravura

Escola: Centro de Ensino fundamental 04 Guará – DF

Série: 5 na modalidade Educação de Jovens e Adultos

Turno: noturno

Total de alunos: novembro

Professor regente: Ademir Lopes Gabriel.

Carga horária: 6 horas / aula

I. Justificativa

A proposta do minicurso justifica-se pela necessidade de realizar-se uma oficina de gravura com ênfase em xilogravura, como culminância do Curso de Artes Visuais na UAB/UnB.

O objeto de estudo deste projeto, se desenvolve a partir da técnica de xilogravura e do fazer artístico, para desenvolver com a turma “A” da 5 série da EJA, estudos sobre os procedimentos de gravura, através da leitura de diferentes tipos de xilogravuras e criação artística em suportes não convencionais, como o isopor. Por ser um suporte maleável, podendo ser gravado até com a unha, tornou-se um meio preferido por arte/educadores, para a divulgação da gravura.


Dessa forma acredita-se ser possível oportunizar ao aluno a compreensão do seu tempo e estabelecer relações com vários períodos da história desenvolvendo assim, capacidades críticas e de observação.


II. Objetivos

- **Geral**

Compreender a Gravura através do fazer artístico e da leitura de imagens xilogrficas, visando à compreensão da gravura.

- **Específicos**

-  Exercitar a leitura de imagens para a compreensão dos signos e códigos que cada cultura imprime em suas imagens.

-  Ler diferentes tipos de imagens como forma de estabelecer relações entre as tipologias e o formato específico com que cada uma exp sua temática.

- ✚ Conhecer a história do surgimento das tecnologias de impressão e multiplicação de imagens.
- ✚ Produzir matrizes em isopor e reproduzir imagens através da Gravura tendo em vista o conhecimento das técnicas e a composição artística possibilitada pela mesma.

III. Procedimentos

- ✚ Leitura de Imagens.
- ✚ Relações entre as imagens trabalhadas.
- ✚ Relações com a história e o fazer.
- ✚ Produções de matrizes e tipos de impressão.
- ✚ Conhecimento das técnicas.
- ✚ Exposição dos trabalhos.

IV. Metodologia

Para a realização desta prática de ensino foi utilizada a proposta metodológica da Ana Mae Barbosa que se baseia em três eixos do conhecimento em arte/educação: fazer artístico, leitura da obra e a contextualização. Os alunos utilizaram as imagens da apostila de xilogravura para aprender mais sobre a história da gravura e a técnica da xilogravura.

Anexo 2 - Plano de aula

Centro de Ensino Fundamental nº 04 – Guará/DF

Professor regente: Ademir Lopes Gabriel

6º ano na modalidade EJA

Tema: Gravura, especificidade Xilogravura

I. COMPETÊNCIAS

- Compreender e utilizar a Arte como linguagem em diferentes situações e culturas.

- Reconhecer e perceber a Arte dentro da dinâmica interdisciplinar no ritual cotidiano.
- Compreender a relação entre as Artes Visuais e as outras modalidades artísticas com as várias áreas de conhecimento estabelecendo relações nos trabalhos individuais e coletivos.

II. HABILIDADES

- Identificar em manifestações culturais elementos históricos e sociais.
- Identificar através da análise crítica os elementos e formas visuais na configuração do ambiente cotidiano.

III. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e analisar a linguagem da gravura e suas aplicações na arte e na escola.

IV. CONTEÚDO: A linguagem da gravura, a técnica da xilogravura e a arte popular.

Primeira aula - Introdução à gravura e seu conceito (apresentação em *Power Point*)

1. Elaboração de um texto sobre as várias técnicas da gravura (calcografia, litografia, xilografia, linoleografia, serigrafia).

Leitura do texto produzido para a apreciação do grupo.

2. Pesquisar na *internet* sobre os conceitos das técnicas de gravura, a partir de sites sugeridos.

Segunda aula - Apresentação de obra de xilogravura.



Lampião e Maria Bonita.

Artista: J. Borges.

Tema: figurativo.

Dimensões: 50X30.

Técnica: Xilogravura

(Fonte da imagem: **landé - Casa das Culturas Indígenas**: São Paulo)

1. Apreciar com os alunos a imagem da obra e indagar sobre ela (característica da imagem, técnicas, suporte, etc.).
2. Apresentar o autor da obra apreciada (artista J. Borges) trabalhando em seu ateliê:



J.Borges em seu ateliê.

(Fonte: Cordel sob as águas)

3. Abordar sobre as técnicas de gravura utilizadas por artistas plásticos e mostrar as possibilidades de trabalho com gravura na escola a partir de material similar, de baixo custo como os suportes de isopor.

Terceira aula - Criação de um projeto de desenho (Atividade prática)

1. Solicitar aos alunos para trazerem de casa pranchas de isopor (bandejas de supermercado) para serem usados como suporte para a construção da matriz da gravura; pregos, palitos de dente/fósforo e estilete como instrumentos de corte e produção de sulcos, em substituição às goivas, ao buril, ao bico de pena, à caneta nanquim.
2. Criação de um projeto em desenho com lápis sobre papel A4 para o trabalho no isopor.
3. Apreciação das propostas dos alunos e abordagem dos encaminhamentos para o trabalho em gravura nas próximas aulas.

Quarta aula - Transferência dos desenhos sobre o isopor preparando o suporte para o entintamento e impressão de cópias na próxima aula.

Quinta e sexta aulas – Continuação da atividade prática

1. Entregar os suportes trabalhados na aula anterior.
2. Preparar papel *canson* A4, tinta guache pastosa e espátula de madeira (que pode ser substituída por colher de metal ou plástico) para a impressão e tiragem de cópias.
3. Explicar aos alunos o processo de entintamento: uma camada suave de tinta aplicada com rolinho de espuma próprio para pintura – na ausência deste pode-se fazer uso de trincha (pincel chato largo).
4. Fazer uma impressão, mostrando aos alunos como se aplica a tinta e como se dá o movimento da colher ou espátula sobre o papel em forma de fricção circular, com todo o cuidado para não rasgar o suporte (papel) e a matriz (isopor).
5. Permitir que cada aluno faça as suas impressões, multiplicando a imagem através das cópias, sob o olhar atento do professor.
6. Observar a surpresa e a satisfação dos alunos ao perceberem a cópia impressa.
7. Mostrar a necessidade de lavagem e limpeza da matriz evitando o entupimento dos sulcos.
8. Colocar os trabalhos para secar e providenciar para a próxima aula a montagem de uma exposição, propondo coletivamente a apreciação das imagens obtidas a partir da técnica da gravura e revendo os conceitos estudados.

V. PROCEDIMENTOS

1º Momento: Fazer uma apresentação no *Power Point* demonstrando que as técnicas de gravuras são um processo de criação de imagens que permitem várias cópias de impressão.

2º Momento: Dividir a turma em grupos de três a quatro alunos para realizarem estudos sobre a xilogravura na internet, que pode ser realizada na sala de informática da escola ou em casa.

3º Momento: Confeção de xilogravuras.

4º Momento: Exposição dos trabalhos.

VI. CRONOGRAMA: 6 horas/aulas.

VII. RECURSOS

A escola fornecerá a TV, o PC, as tintas guache, o papel A4, lápis, e a apostila. E ainda as bandejas de isopor, estiletes, pregos, palitos de dente, tacos de MDF e o *canson* será fornecido por mim aos alunos.

VIII. AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir produção das gravuras onde serão observados o envolvimento e o desempenho dos alunos, a utilização dos materiais disponíveis e a aplicação das técnicas aprendidas.

IX. BIBLIOGRAFIA

Casa da Cultura

http://www.casadacultura.org/arte/Artigos_o_que_e_arte_definicoes/gr01/gravura_conceito_hist.html

Cordel sob as águas <http://maineland.blogspot.com.br/2009/02/cordel-sob-as-aguas.html>, visitado no dia 03/10/12.

FRAGO, Maria Barbara de Freitas Pires. **Proposta de estudos e reflexões sobre a falta de modelos de planos de aula para serem aplicados por estudantes do Curso de Licenciatura em arte educação.**

http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3656/1/2011_MariaBarbaraFreitasPiresFraga.pdf
visitado em 02/10/12

PCN <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> visitado no dia 03/10/12.

Anexo 3 – Imagens do Minicurso



Figura 1 – Projeto Cultura na escola. Alunos com seus trabalhos de xilogravura.
(Acervo particular do autor)



Figura 2 - Alunos participando do Minicurso
(Acervo particular do autor)

Figura 3 – Aluna mostrando a apostila produzida pelo Ademir
(Acervo particular do autor)



Figura 4 – Preparação dos materiais para a confecção das xilogravuras
(Acervo particular do autor)



Figura 5 – Alunos fazendo impressão em várias cores
(Acervo particular do autor)

Anexo 4 - Xilogravuras produzidas pelos alunos (07 imagens)

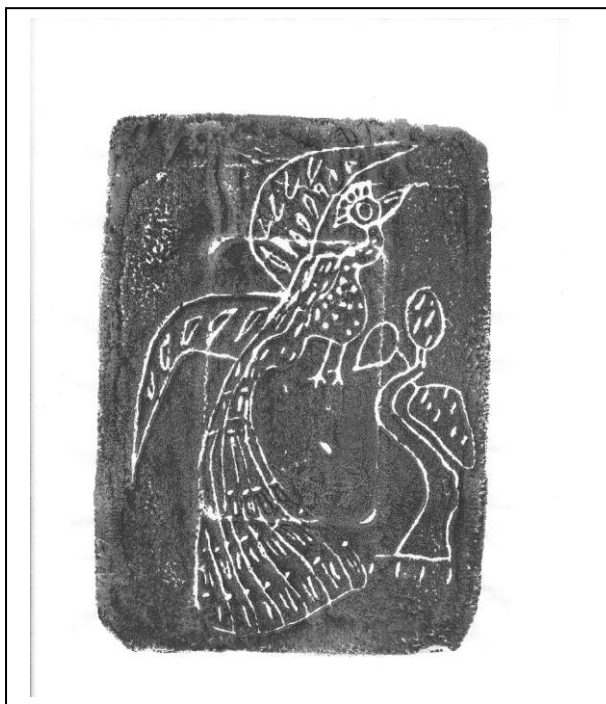


Figura 6 - Trabalho de aluno

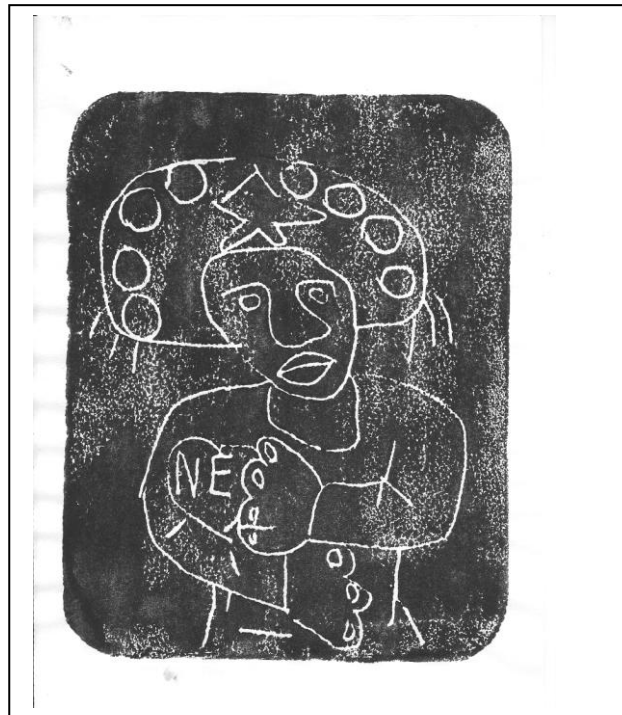


Figura 7 - Trabalho de aluno



Figura 8 - Trabalho de aluno

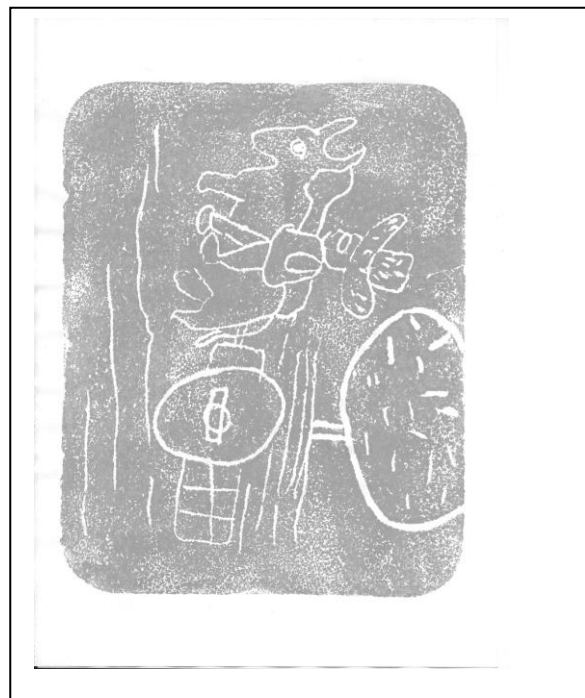


Figura 9 - Trabalho de aluno



Figura 10 – Trabalho de aluno

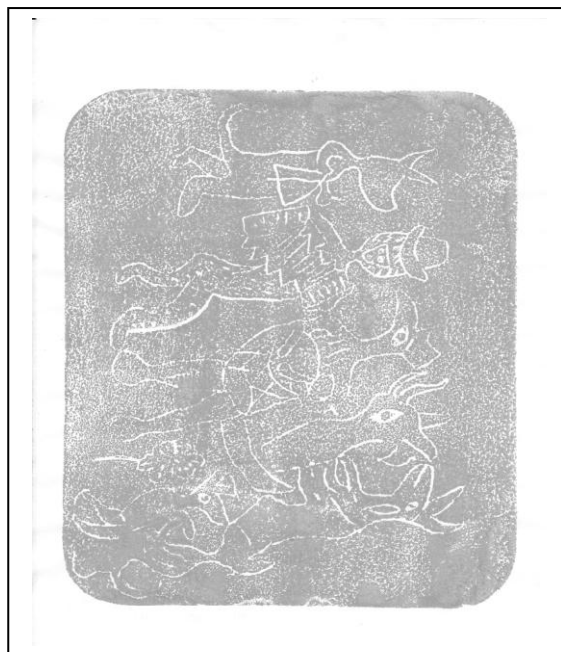


Figura 10 – Trabalho de aluno

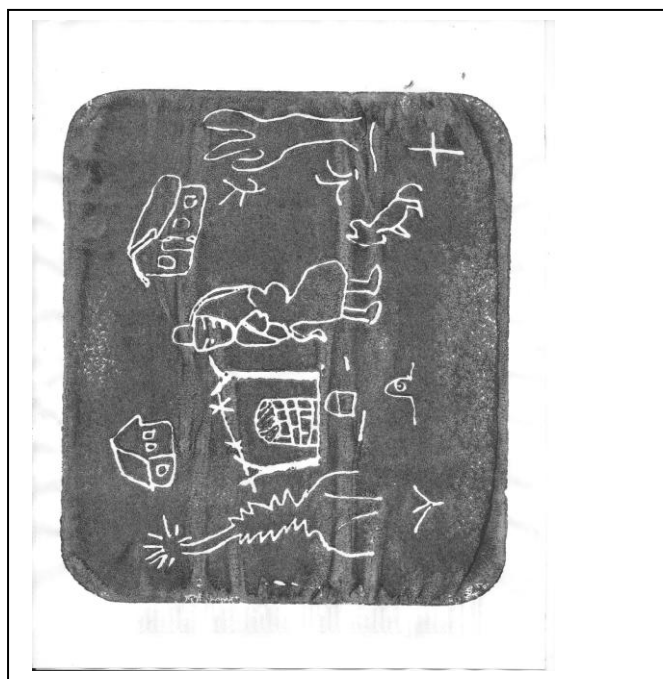


Figura 11 – Trabalho de aluno

Anexo 5 - Apostila do Minicurso

MINICURSO**DE****ADEMIR LOPES GABRIEL****XILOGRAFIA**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de ARTES VISUAIS

ADEMIR LOPES GABRIEL

MINICURSO DE XILOGRAVURA

Brasília DF

Agosto/2012

MINICURSO DE XILOGRAVURA

Mediado por: ADEMIR LOPES GABRIEL

Artista Plástico

Formando pela Faculdade de Artes

Curso de Licenciatura em Artes Visuais UAB- UnB - Brasília/DF

O artista faz seus trabalhos usando a técnica de óleo sobre tela há 14 anos e, há 1 ano, xilogravura figurativa.

AGRADECIMENTOS

À equipe diretiva do CEF 04, à Supervisora Renata, à Professora Maristela e em especial ao Professor Jailton, pois sem eles eu não realizaria a oficina de xilogravura.

Centro de Ensino Fundamental nº 04 do Guará I

Brasília - Distrito Federal

Ariano Suassuna disse sentir na gravura popular o que mais lhe agradava: o real transfigurado pelo poético, o real como mero ponto de partida, o achatamento geral da gravura pela ausência de profundidade, pela falta de tons entre o claro-escuro e pela falta de perspectiva, assim como a predominância do traço limpo, puro e forte contornando as figuras. Ele próprio é de opinião que a gravura e a literatura populares nordestinas representam um dos mais autenticamente brasileiros trabalhos de criação.

Fonte Celophone Cultural.

Gravura

A gravura é produzida a partir de uma matriz que pode ser feita em metal (calcografia), pedra (litografia), madeira (xilogravura) ou seda (serigrafia). O artista trabalha nesses suportes fazendo uma gravação da imagem de acordo com as ferramentas que utiliza com o propósito de imprimir uma tiragem de exemplares idênticos.

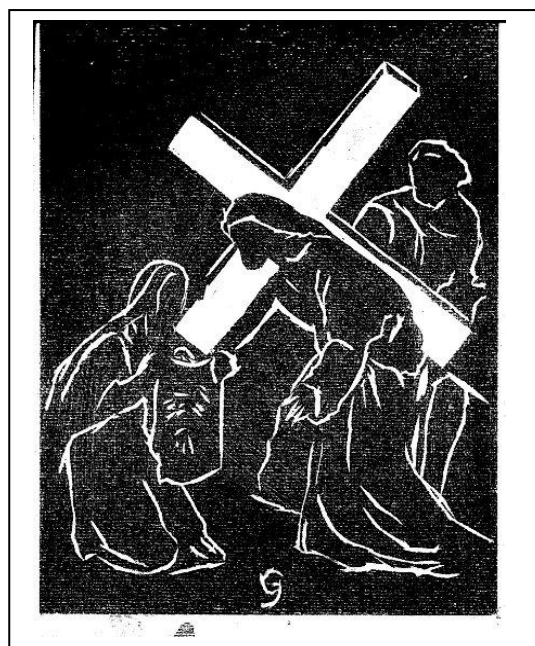
Você sabia?

Quem inventou a técnica da gravura foram os chineses, por volta do ano 200. Durante a dinastia Han, eles faziam selos para autenticar documentos e usavam pequenas peças planas de jade, ouro, prata ou marfim, que tinham ideogramas em baixo relevo. Cobertas de uma tinta vermelha e pressionadas sobre papel, faziam aparecer os ideogramas em branco. As primeiras impressões encontradas retratam a imagem de Buda. Citação no livro OFICINAS GRAVURA, 1999, p.12.

Xilogravura (matriz de madeira): surgiu como consequência da demanda cada vez maior de consumo de imagens e livros sacros a partir da invenção da imprensa por Gutenberg.



Técnica: Xilogravura
Tema: figurativo
Medidas: 20 X 30 cm



Técnica: Xilogravura
Tema: figurativo
Medidas: 20 X 30 cm

As matrizes e gravuras pertencem ao acervo particular do artista. Fazem parte da coleção os 12 passos de Jesus Cristo na Via Crucis.

J. Borges, ou, José Francisco Borges, é um artista popular que está tendo o devido reconhecimento da sua arte para a cultura brasileira.

J. Borges nasceu em Bezerros PE. Sua família, assim como tantas outras, eram agricultores e aos 8 anos de idade, assim como tantas outras crianças nordestinas, já empunhava uma enxada. Só aos 12 anos foi para o banco escolar, mas a frequentou apenas por dez meses. 'Resolvi sair pela vida.' Foi marceneiro, mascate, pintor de parede e oleiro, até se encontrar nos cordéis. Ele sobrevivia vendendo cordéis na feira para outros autores e, escrevia os seus próprios, escondido, porque tinha vergonha de mostrá-los. Em 1964, aos 29 anos, publicou a primeira obra: *O Encontro de Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina*. Foi um assombro, 5 mil exemplares vendidos em dois meses. Mas sua arte maior são as xilogravuras. Ele disse

que virou xilógrafo por acaso. Como estava sem dinheiro para comprar chapas de zinco, que serviam para fazer as matrizes para a produção das capas dos cordéis, pegou um pedaço de imburana e talhou uma igrejinha. A matriz serviu para gravar a capa do seu segundo cordel, *O Verdadeiro Aviso de Frei Damião*. Depois disso, saiu gravando nos tacos o imaginário do sertão: o diabo, Lampião, vaqueiros, festas de São João e todo folclore nordestino.

Já andou em mais de 20 países. Já foi até tema de reportagem no jornal *The New York Times*. Atualmente tem o *status* de gênio da arte popular.



Título: O Forró dos Bichos

Artista: J. Borges

Técnica: Xilogravura

Tema: figurativo



Título: Lampião e Maria Bonita.

Artista: J. Borges.

Técnica: Xilogravura

Tema: Figurativo

Esta foi a primeira técnica de gravura surgida no Ocidente, no século XIII. É a mais simples de todas: você precisa apenas desbastar da matriz de madeira as áreas que não quer imprimir, usando os instrumentos cortantes adequados, geralmente **goivas** (instrumento de metal com ponta cortante, próprio para desbastar madeira e desenhar sobre ela). É fácil reconhecer a matriz de madeira de uma gravura pelos veios que ela deixa entre as figuras.

Calcografia também denominada gravura em metal é o processo que utiliza uma matriz de metal, que pode ser o cobre, o alumínio, ferro, zinco etc. A gravura em metal pode ser definida como de encavo. Encavo é quando a tinta fica depositada dentro dos sulcos gravados e não sobre a superfície da matriz, como é o caso da xilogravura.

Se liga!

A Calcografia surgiu nos ateliês de ourivesaria e de armaduras, no século XV, onde era usual imprimirem-se os desenhos das joias e brasões em papel para melhor visualização das imagens. Fonte Associação Artística Cultural

Oswaldo Goeldi.



Obra: Maternidade
Artista: Marcelo Grassmann
Tipo: Gravura
Tema: Figurativo
Técnica: Gravura em Metal
Dimensões: 62.0 x 45.0 cm

Litografia é uma palavra grega que significa escrever na pedra, também é uma gravura. Essa técnica envolve a criação de marcas, ou seja, os desenhos que você faz sobre uma matriz (pedra calcária) com um lápis gorduroso. O princípio dessa técnica é a repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a Litogravura é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na Calcografia.



Fonte: **Imagem em Alta**
Título: Vendedor de Aves na Roa
Artista: Victor Frond

Ano: 1859
Técnica: Litografia a partir de fotografia
Acervo: Biblioteca Nacional, rio de Janeiro.
Medidas: 20,67x 15,7cm
Preto e Branco

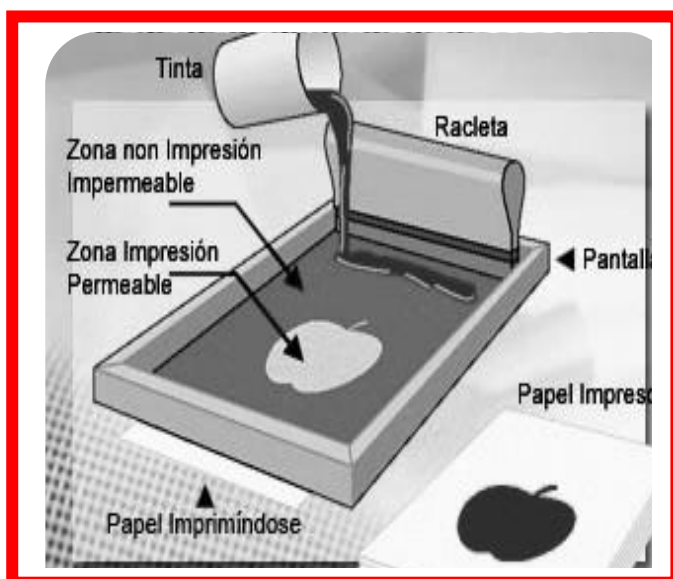
Serigrafia

Técnica de impressão da gravura que reproduz desenhos de cores planas através de uma armação de madeira e tela feita de tecido de seda, náilon ou rede metálica, sobre uma base que pode ser de papel, tecido, metal ou outros. O processo se dá a partir da aplicação de tinta sobre partes permeáveis e impermeáveis da tela, que a filtra formando o desenho a ser impresso. O termo sinônimo silkscreen é normalmente utilizado num contexto comercial. Itaú cultural.



Fonte da imagem: Chocola Design
Tela para impressão serigráfica

A Serigrafia é utilizada na impressão em variados tipos de materiais (papel, plástico, borracha, madeira, vidro, tecido, etc.), também pode ser feita de forma mecânica (por pessoas) ou automática (por máquinas).



Fique por dentro!

Você sabia?

Os japoneses foram mestres na arte das gravuras. Paisagens coloridas retratando cidades como Tóquio, tornaram-se símbolos do país. No final do século XIX, a técnica influenciou artistas como Van Gogh, que se encantou com essa arte.

GLOSSÁRIO

Buril: utensílio para fazer gravações.

Ponta- seca: instrumento de ponta afiada para sulcos no metal.

Matriz: É o suporte onde se faz a gravação. Pode ser madeira, metal, plástico.

ISOPORGRAVURA

Passo a passo: Fonte: O Estadinho. Fernanda Simionato.



MATERIAIS QUE USAREMOS

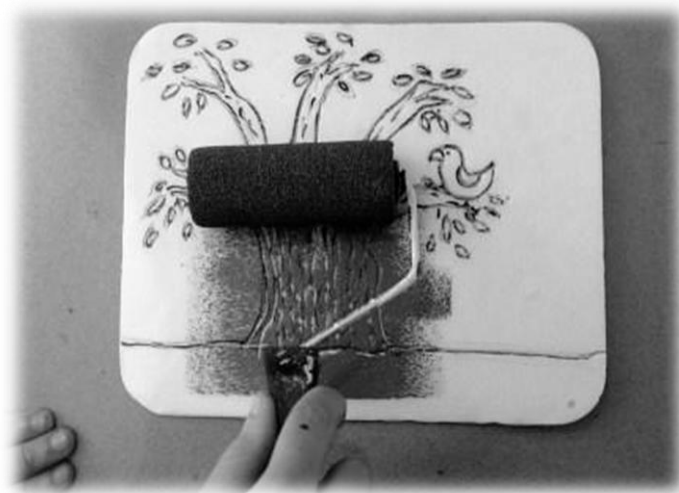
- Tinta Guache de várias cores
- Folhas de papel brancas
- Pincéis de vários tamanhos
- Um rolinho de espuma, usados para pintar paredes.
- Tesoura
- Bandejas de isopor (daquelas de frios)
- Palito de churrasco, lápis, caneta bic, prego, garfo etc.

OBS: Só esses materiais serão o suficiente. E MAIS NADA!



Passo 1:

Corte as bordas da bandeja. Depois, desenhe o que quiser com um palito de churrasco ou um lápis. Você precisa aprofundar bem o palito, ou o lápis para fixar o desenho no isopor.



Passo 2:

Com a ajuda do rolinho de espuma, espalhe o guache por toda a bandeja.



Fonte: O Estadinho. Artista: Fernanda Simionato.

Passo 3:

Após entintar toda bandeja, pegue uma folha de papel A4 e a pressione, com as mãos, sobre a parte pintada. Devagar, puxe a folha e veja como a impressão sai perfeita, como uma xilo.

Também dá para pintar tudo de uma cor só e imprimir em um papel colorido! Crie, invente, faça o que quiser. Para secar bem, você pode espalhar pela mesa ou, quem sabe, pendurar no varal como se fosse uma exposição de xilo. Divirta-se!

XILOGRAVURA



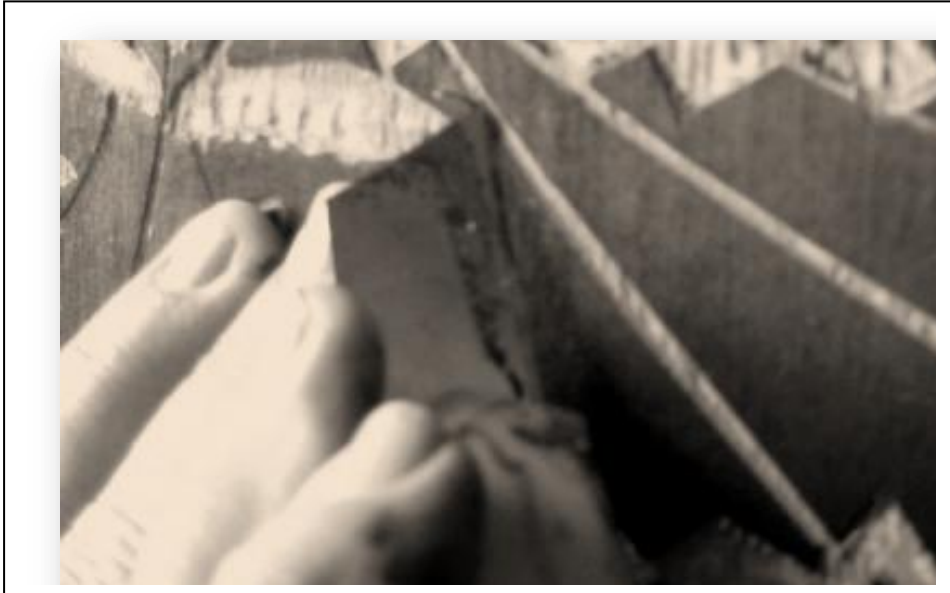
- Placa de madeira, MDF, tacos de 12X15cm
- Estilete e goivas
- Tinta gráfica
- Rolo de gravura
- Colher de pau
- Baren
- Papel tipo Canson ou Vergê

1º Passo



Com as goivas côncavas, triangular ou estilete, faça uma incisão na placa de madeira lixada, de acordo com seu desenho, formando assim sua matriz.

2º Passo



3º Passo



Entinta-se o rolo de gravura passando-o várias vezes sobre uma placa com tinta gráfica.

4º Passo

Entinta-se a matriz com o rolo de borracha.

5º Passo

Essa é a MATRIZ. É assim que a MATRIZ fica entintada!

6º Passo

Coloca-se a folha de papel sobre a matriz entintada.

7º Passo

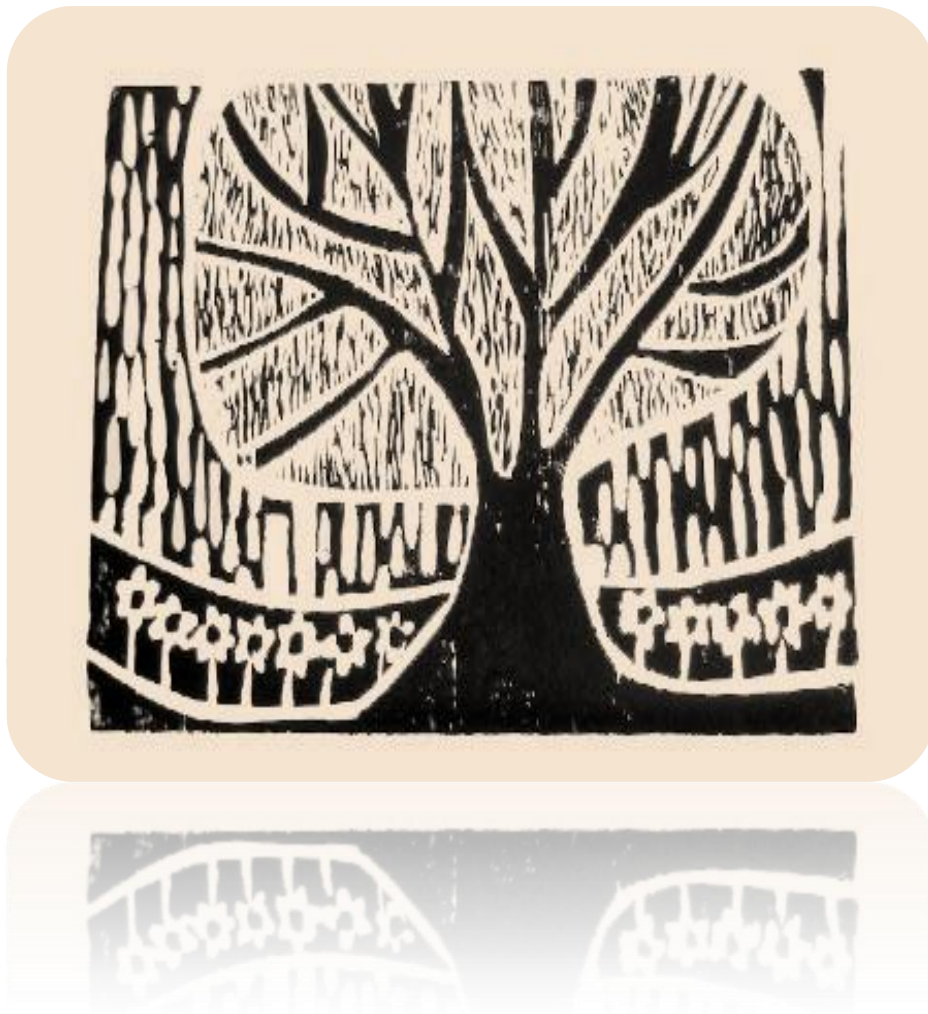
Pressiona-se cuidadosamente, e fricciona com uma colher de pau, ou Baren.



8ºPasso

Retira-se cuidadosamente a folha.

Este é o Resultado final da impressão, ou seja, é a XILOGRAVURA no suporte PAPEL.



Fonte: Artesanato na rede.

Bibliografia

Artesanato na rede. Execução: Marilu Trevisan.
<http://www.artesanatonarede.com.br/passos/exibir.php?esp=gravuras&id=2392>

O Estadinho. Faça sua gravura. Autora: artista plástica e educadora Fernanda Simionato. <http://blogs.estadao.com.br/estadinho/2010/05/08/xilogravura-o-que-e-isso/>

<http://chocoladesign.com/processos-de-impressao-6>

Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi <http://www.oswaldogoeldi.com.br/gravura.htm>

Enciclopédia Itau Cultural e artes visuais
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbet_e=3839

Imagem Alta. <http://www.imagememalta.com.br/resultados/mostrar.asp?id=IA101100>
 Artistas e Técnicas www.caprichomolduras.com.br/tecnicas.html

<http://www.klickeducacao.com.br:8000/klickids/arte/arte03/arte03b.asp>
<http://artepopularbrasil.blogspot.com/2011/01/j-borges.html>

Oficinas gravura Por Elias Fajardo, Felipe Sussekind, MARCOS DO VALE
Editora SENAC Nacional. 1999.144p.

CELOPHANE CULTURAL <http://jeffcelophane.wordpress.com/2010/11/12/272/>